

# AS TÉCNICAS CORPORAIS E O FAZER ANTROPOLÓGICO: QUESTÕES DE GÊNERO NO TRABALHO DE CAMPO.

Thais Cunegatto

Ana Luiza C. da Rocha e Cornelia Eckert (Orientação)

*Ó Eva , Eva Mulher sem piedade! contempla tua vítima:  
O couro nas mãos , Um anjo se esforça  
por calçar-te.*

*Ó Eva , Eva ouve-me gritar  
Vê meu amargo pesar!  
As obras de arte do sapateiro  
O pé as calca no chão.*

*Hans Sachs*

( A fé do Sapateiro- Gilbert Durand)

## ***Introdução***

As mãos calejadas, os dedos lascados e os restos de tinta encobrendo as unhas configuram a estética manufatureira do ofício de sapateiro. As mãos são o instrumento de trabalho, os olhos fixos no objeto delineiam a atenção necessária, o sapato é a arte, o sapateiro: o artesão.

Este ensaio busca analisar o material coletado em uma pesquisa que realizei em 2002 que tinha como objetivo desvelar um dos cenários de um bairro porto-alegrense, Cidade-Baixa, em Porto Alegre, através do estudo das práticas cotidianas de uma antiga profissão urbana configurando a feição deste território da cidade. Em particular, pretendo compreender as diferentes "técnicas corporais" empregadas por um sapateiro no exercício de seu ofício precisamente no momento em que dispõe o seu corpo como um dos instrumentos de seu trabalho. Trata-se aqui de interpretar as técnicas corporais deste "artesão" na confluência das técnicas corporais empregadas pelo etnógrafo em campo, em especial, no momento em que estes são os atores de um diálogo cultural.

A cidade sendo um local em que convivem diversos grupos com experiências e vivência em parte comum, em parte diferente (OLIVEN, 1996) suscita a possibilidade do dialogo entre culturas diversas que gerenciam o convívio social. O estudo de sociedades complexas nos possibilita a compreensão desta teia de significados que constituem a cidade. As diferenças culturas propiciam o encontro cultural que regido por continuidades e discontinuidades trazem à tona a "tensão" do fazer etnográfico. Gilberto VELHO (1980:16) nos alerta que "a possibilidade de partilharmos patrimônios culturais com os membros da nossa sociedade não nos deve iludir a respeito de inúmeras discontinuidades e diferenças provindas de trajetórias, experiências e vivências específicas".

Utilizo aqui os dados obtidos de diversas fontes de registro do meu trabalho na Cidade Baixa junto à sapataria Sport, situada na Rua da República, na sua quadra próxima a Rua João Alfredo, isto é, desde os extratos de meu diário de campo, na época, das descrições das minhas observações participantes às transcrições feitas a partir das entrevistas semi – estruturadas que realizei com meu informante no local de seu trabalho.

### *A mise-en-scène corporal e o seu dispositivo espacial*



A Rua da República é uma importante rua da cidade de Porto Alegre que atravessa o bairro ligando a parte do bairro Menino Deus nas suas áreas limítrofes com o Lago Guaíba ao Parque Farroupilha, que conecta o bairro Cidade Baixa ao bairro Bom Fim. É, portanto uma área movimentada do bairro, com um comércio de pequenas lojas, padarias, etc. e onde normalmente se encontram muitos carros estacionados, pessoas na rua, com um forte movimento de veículos e pessoas que cruzam este território para irem para outras áreas da cidade.

Com suas calçadas repletas por árvores que fecham suas copas emerge uma sensação de deslocamento regressivo no tempo, porém os vários carros sobre os paralelepípedos nos fazem perceber que estamos numa metrópole habitada. Se sairmos do Parque Farroupilha pela Av. João Pessoa e seguirmos pela Rua da República vemos além de seus muitos bares, calçadas manchadas de roxo que os belos ipês florescem. Atravessamos a José do Patrocínio e vamos aproximando-nos de um colégio de ensino fundamental, onde o barulho das crianças ecoa por toda a extensão da quadra. Ao lado do colégio que fica à direita da rua tem um antigo prédio acinzentado, no seu térreo fica a sapataria.

Na entrada da sapataria tem uma placa fosforescente grifando o nome *Sport*. A placa branca brilhante destoa do interior da sapataria: um lugar um pouco escuro, onde o sol não parece

adentrar. Um balcão de madeira acompanhado na sua parte inferior de uma vitrine de vidro, onde sapatos são expostos e cordões coloridos são pendurados. Nas paredes prateleiras cobertas de sapatos já consertados à espera da busca de seus donos, do outro lado sapatos à serem consertados. Logo atrás uma porta encoberta por uma cortina que leva a sala dos consertos e da fabricação dos sapatos. No balcão um senhor de meia idade chamado Milton, Seu Milton é o novo “patrão” da sapataria, novo, pois estava lá como dono há apenas três meses.

O espaço de trabalho de Seu Milton está no interior da sapataria. Na parte da frente há um balcão delimita o interior da loja do espaço exterior da calçada e que separa o atendente do freguês, atrás deste balcão existem prateleiras com sapatos já consertados e após estas prateleiras é, portanto, em uma segunda sala (a sala dos consertos e das fabricações de sapatos) que se encontra o verdadeiro local de trabalho de Seu Milton.

A inserção em campo deu-se no momento em que levei um sapato para arrumar o saltinho, unindo “o útil ao agradável” mandei consertá-lo como “pretexto” para me apresentar enquanto estudante de Ciências Sociais e pesquisadora interessada em compreender como esta profissão resistia num tempo de “coisas descartáveis”, onde a restauração parecia não mais habitar a lógica dos habitantes de metrópoles. O aceite a minha presença foi imediato, a árdua tarefa de explicar o que é Antropologia e o que realmente eu estava fazendo ali foi completada, porém sentia que não integralmente, a pergunta “O que realmente essa menina faz aqui?”, pairava no ar...

A posição de “freguês” está, portanto, circunscrita a delimitação destas fronteiras simbólicas demarcadas por balcões, prateleiras e portas e esta sempre foi a posição que adotava, pelo menos até o momento da inserção da câmera fotográfica no campo com a intenção de realizar uma etnografia visual deste ofício no bairro, momento em que fui apresentada a “sala dos consertos” e que conheci um dos aprendizes do Seu Milton, Seu Alceu.

A máquina fotográfica foi um mediador nas relações que estavam sendo constituídas. Inicialmente Seu Milton pediu para não tirar fotos dele, porém quando comecei a fotografar o ambiente de seu trabalho ele me autorizou a fazê-las, desde que eu também fosse retratada, alguém deveria tirar foto minha ali (queriam que eu fingisse que

estava trabalhando, pois eu deveria ter alguma serventia). Fotometrei a máquina e entreguei à Seu Milton que tirou um foto minha com um sapato nas mãos.

As fotos compunham de descontração e foi ali que percebi que as minhas visitas anteriores haviam causado um certo impacto, pois o aprendiz (com quem nunca havia falado) perguntou-me porque havia demorado a voltar, ressaltou que a minha presença era “importante”, pois eu já era a freguesa mais famosa e agora era também a fotógrafa. Enquanto eu fotografava, frases como: “Isso tu não pode fotografar” indicavam que havia alguns “segredos” da profissão, esta frase foi me dita num momento em que Seu Milton fabricava uma mistura de tintas que utilizaria para alcançar a cor desejada pela cliente.

### *Das técnicas corporais e do ser sapateiro*



Durante uma de nossas conversas na qual levei um casaco de couro para que ele consertasse, Milton pegou um vidro com cola e pincel e o começou a arrumar na minha frente, cuidadosamente levantou o couro rasgado e colocou a cola que fixou pressionando meticulosamente uma espécie de lamina em cima do couro.

Suas mãos eram machucadas, acinzentadas da mistura couro - cola, os dedos cortados, unhas curtas e lascadas; as mãos demonstravam os longos anos de trabalho. Como nos afirma Marcel MAUSS (1974:407) “O corpo é o primeiro instrumento e o mais natural. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico,

e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo”.As mãos de Seu Milton representam os seus mais nobres instrumentos, são mãos marcadas pelo trabalho. O couro e cola são vistos na mescla das cores e texturas que se fixam nos lascados dos dedos que o manuseio de estiletes e lixas produzem.

A trajetória de Seu Milton indica um processo de transmissão do “saber fazer” como uma experiência dada em torno da relação de mestres e aprendizes. Seu Milton é sapateiro há dezessete anos, começou em busca de emprego batendo na porta da sapataria de Seu Joel, onde aprendeu o ofício com ele e lá trabalhou por onze anos. Milton é morador de Viamão, devido a isso ao sair da sapataria de Seu Joel montou a sua própria sapataria em sua cidade, onde trabalhou por sete anos. A saída de Seu Milton da sapataria de Seu Joel como uma forma de ascensão, pois de aprendiz se transformaria em mestre, construindo assim seu próprio negócio.

Seu Joel seguiu trabalhando na mesma sapataria ao longo destes sete anos de ausência do Seu Milton, porém neste último ano quis vender a sapataria, pois já estava muito velho, a “vista já estava cansada” e além de tudo ele está com diabetes. A proposta da venda da sapataria foi destinada ao Seu Milton. Esta preferência simbolizava que Seu Joel queria “deixar” a sapataria nas mãos de uma pessoa de confiança, ou seja, em mãos já treinadas, em mãos por ele ensinadas, a sapataria deveria ficar nas mãos de seu aprendiz que hoje já é um mestre.

Conforme Marcel MAUSS a técnica é um ato tradicional eficaz que não difere do ato mágico, religioso e simbólico. É um ato precisa ser tradicional e eficaz. Não há técnica e não há transmissão se não houver tradição. Para Seu Milton a compra da sapataria assim que efetuada representava a conquista de um ponto tradicional<sup>1</sup>, o que facilitava por consequência a conquista da freguesia, a sapataria, segundo Seu Milton, é “famosa” e este fato me passou a sensação de que a conquista da sapataria era também a conquista do respeito, a conquista de um “poder” atrelado ao saber. A compra da “loja” também indicava a aprovação de seu mestre e o respaldo por ele adquirido nestes anos de profissão.

O processo de transmissão do ofício é “cíclico”, hoje Seu Milton tem ao lado dele dois aprendizes que se alternam: uma semana um, na outra semana o outro, onde os dois “discípulos” aprendem vendo Seu Milton e Seu Alceu trabalhar. Seu Alceu é o sapateiro

mais antigo trabalha há vinte e seis anos na profissão. A posição de Seu Alceu é ambígua, pois apesar de não ter o seu próprio negócio, nota-se que é o sapateiro mais respeitado (o próprio Milton diz que sapateiro de verdade é o Seu Alceu) fazendo com que a sua posição ali seja de mestre. Ao perguntar-lhe como havia aprendido o ofício, Alceu respondeu:

“Sozinho, este trabalho só se aprende sozinho e olhando”.

A fala de Alceu remete a fala de Seu Milton quando relembra o seu primeiro dia de aprendiz. Seu Milton disse que quando pediu ajuda ao Seu Joel, este lhe respondeu que daria uma semana para ver se ele aprenderia o serviço, pois este era o tempo necessário para ver se aquele menino Milton “daria” para a profissão. Ao relatar isso Seu Milton ressaltou que ele escutara boatos de um curso de sapateiros no Senac, porém “sapateiro que é sapateiro não aprende em curso, aprende olhando os mais experientes e trabalhando”. E aponta para o seu filho que já desde pequeno observa atentamente as técnicas corporais deste ofício afirmando assim contínua transmissão geracional deste saber.

Como nos mostra Ceres VICTORA (1996:171) em sua tese “Images of the body: Lay and Biomedical views of the reproductive in Britain and Brazil” a posição de aprendiz não se encaixa unicamente na aprendizagem das técnicas da profissão como também na aprendizagem de o que é ser homem, isto se evidencia no momento em Seu Milton ensina seu filho, um menininho de mais ou menos 6 anos os “ossos do ofício” da mesma forma em que Seu Joel ensinou Seu Milton quando este era apenas um rapazote de 15 anos.

“The idea that comes across is that in the position of an apprentice young men are learning more than a skill. They are also learning how to be men and hard working, respectable persons, where these features – being a men, hard working and respectable – can hardly be separated.”

A divisão de tarefas tornava nítida a “hierarquização” do trabalho: Seu Alceu concertava os sapatos minuciosamente com agulha e linha nas mãos, usava também preguinhos e um martelo quando arrumava um solado, Seu Milton ajeitava os últimos retoques como o taquinho do salto do sapato e o aprendiz apenas os engraxava. Cada um tem sua banca, onde trabalham em seu espaço e compartilham da máquina de costura e uma espécie de máquina que serve para “polir” os sapatos.

A relação de mestre e aprendiz não se mostra estática, uma vez mestre não impede que o mesmo seja aprendiz. Seu Milton já é um mestre, mas ao mesmo tempo parece ser aprendiz de Alceu. Esta relação se evidenciava ao longo da manhã, pois ali havia dois mestres e ao mesmo tempo dois aprendizes.

Os três sapateiros ao perceber o meu olhar atento em torno de suas mãos e gestos, me indagaram se a minha pesquisa seria longa, respondi que sim se eles deixassem, mediante a permissão por eles concedida, Seu Alceu sugeriu que eu fosse a mais nova aprendiz da casa.

O ofício de sapateiro como diz Seu Milton não é um trabalho fácil, exige atenção e dedicação. A necessidade de um aperfeiçoamento contínuo é corrente na fala dos dois “mestres”, pois os sapatos mudam, os materiais se modificam e é necessário se atualizar. A tecnologia da fabricação dos “sapatos industriais” remete ao sapateiro a compreensão destas técnicas para que se possa concertar o produto maquinal com as mãos. O ofício é manufatureiro e artesanal, as máquinas não produzem o conserto, o homem que o faz.

### ***Do corpo sacro do sapateiro ao corpo descarrilado do antropólogo***

*Toda arte do sapateiro consiste em unir com pregos, ou fios, a sola que caminha sobre a terra à abóboda da pala. Esse é o símbolo pontifical da arte do sapateiro. Os pastores são reis, mas os sapateiros sacerdotes*  
(Durand, Gilbert, 1995: 14)

Imersa nas leituras de “A fé do sapateiro” de G. DURAND, livro que tece a religiosidade e a profissão de sapateiro, fui ao encontro de Seu Milton com o intuito de mostrar a linda imagem de um sapato sendo costurado com linha e agulha, imagem esta, que compunha a capa do livro. A provocação que o livro gerou fez com que Seu Milton contasse que o homem que trouxe a palavra de Deus para o Rio Grande do Sul foi um sapateiro e que isso o orgulhava muito, pois os sapateiros são homens de fé. Nesta conversa Seu Milton disse que era da Assembléia de Deus e que os sapateiros eram em sua maioria cristãos, o que ficava evidenciado no recibo para a retirada do sapato, ali constava um salmo bíblico.

A religiosidade se mostrava uma conversa constate entre eles, pois no dia em que as fotos foram tiradas apareceu por lá um rapaz que vendia painéis de cerâmica, rapaz este que Seu Milton me apresentou como um amigo da Igreja.

A conversa entre eles girava em torno de livros sobre Introdução a Teologia, que diziam eles que eram livros muito bons. Seu Milton me falou que dentro da religião também existe a antropologia. Antropologia para eles é a ciência que estuda os homens, mas neste caso a relação dos homens com a religião. O aprendiz não era um rapaz novo, é um homem de uns trinta anos que também se englobava nesta conversa deixando transparecer que freqüentava a mesma Igreja e lia os mesmos livros. Havia então naquela sapataria uma relação de reciprocidade, onde a dádiva permeava as relações de trabalho: o aprendiz era um “irmão” da Igreja, assim como o rapaz que vendia as panelas que ficavam expostas na sapataria.

A religião é um laço que une estas pessoas neste espaço, uma rede social, ou melhor, dizendo um núcleo familiar onde os laços não são os da consangüinidade, mas sim os laços da fé que permeiam as relações de trabalho ali estabelecidas. Ceres VICTORA (1996), baseada na obra de Pierre BOURDIEU, ressalta para a existência de dois tipos de família: a oficial e a prática, onde a prática baseia-se nas disposições e nos interesses do grupo. A “família desta sapataria” estaria assim como uma família prática, ou seja, vinculada não a laços de consangüinidade, mas nas relações de trabalho e na esfera religiosa.

A família da sapataria se constituía de laços de pertença dos quais eu, enquanto antropóloga buscava desvelá-los através do encontro etnográfico. Encontro este que me mostrava a minha não pertença aos códigos posturais ali presentes.

O antropólogo atua numa espécie de ser híbrido, seu papel por mais esclarecido que seja mediante as pessoas com as quais pesquisa se passe ele é raramente compreendido. A explicação de nosso interesse enquanto etnógrafo em campo é uma das premissas éticas, porém a compreensão nem sempre é alcançada. Neste caso por mais que eu explicasse o que era Antropologia e o qual o meu interesse naquele lugar me viam talvez como uma fotógrafa ou apenas como uma pesquisadora da universidade que estudava algo que não se sabia muito bem do que se tratava, pois afinal Antropologia já era conhecido em seu terreno religioso.

Com posturas corporais distintas e técnicas corporais destoantes das concebidas nos meandros religiosos me inseri num universo masculino regido pela fé e por um código

postural andocêntrico. A percepção que este universo circundava nestes princípios deu-se num desencontro entre “técnicas corporais distintas”.

Como de costume fui até a sapataria, entrei na sala de concertos, levei algumas fotos que havia tirado, num momento de descontração risadas eram dadas, enquanto eu tirava fotos deles vendo suas fotos a esposa de Seu Milton entrou na sala de concertos meio irritada e me perguntou o que eu estava fazendo ali, se eu estava tentando fazer daquele espaço um “cabaré”. Meio sem compreender o que estava acontecendo respondi que estava fazendo um trabalho para a Universidade como já havia lhe explicado, ela me respondeu:

“Sei muito bem que tipo de trabalho que tu faz, tu não notou que aqui só tem homem, o que tu tá fazendo aqui? Se eu deixar tu transforma isso aqui num cabaré!”

Continuei tentando esclarecer qual era o meu papel ali, porém ela afirmava.

“Tu parece um demônio, depois que tu conhecer Deus tu vem falar comigo”.

Sem muito sucesso em minhas explicações fui embora em meio a constrangimentos e olhares tímidos dos sapateiros que ali estavam tentando amenizar o conflito estabelecido. Nunca mais retornei neste campo.

### ***O encontro e confronto etnográfico: uma questão de gênero***

Ao analisar novamente este evento compreendo que o que estava em jogo era o confronto entre o corpo feminino de uma antropóloga e a concepção de um corpo feminino religioso, onde eu não correspondia os padrões sociais que estabelecem como uma mulher deveria se portar. A mulher, segundo Pierre BOURDIEU (2003) é destinada ao espaço privado, deve ser contida, recolhida, num processo de dominação masculina ela sabe o que é ser mulher por espelhamento, ou seja, ao saber o que é ser homem atua por oposição. Este fenômeno compreendido pelo autor como *habitus* viril mostra que as mulheres adotam

posturas corporais diferenciadas das do universo masculino, pois não pertencem ao espaço público, a jocosidade, o exposição, o riso alto são praticas masculinas.

A mulher, portanto é um ser duplo, ao mesmo tempo em que é submissa, é pecadora. Roque LARAIA (1997) nos expõe em artigo Jardim do Éden revisitado que é a mulher é vista em determinados textos bíblicos como culpada do crime do pecado original. A desordem e a impureza são frutos da desobediência feminina encarnadas nas figuras de Lilith e de Eva.

O mito de Lilith, mostra a primeira reação feminina a dominação masculina. Lilith teria sido a primeira mulher feita por Deus do “mesmo pó” que foi feito o homem, Deus teria criado um casal: Adão e Lilith, porém esta mulher se recusou a ficar por baixo no ato sexual, pois reivindicava igualdade na relação sexual. Devido a isto, Lilith foi castigada e transformada em um demônio feminino, a rainha da noite, noiva de Samael, o Senhor das Forças do mal. Para “remediar” a ação de Lilith, Deus teria criado outra mulher: Eva, porém esta agora seria feita da costela de Adão e não mais em pé de igualdade com o homem. ” Eva, porém de sua maneira repetira o gesto de rebelião de sua antecessora. Deus tinha permitido ao homem comer todas as frutas do jardim, com apenas uma exceção: ”Mas da árvore da ciência do bem e do mal, d’ela não comerás, porque no dia que d’ela comeres, certamente morrerás.”(Gênesis, 2,17) é exatamente esta interdição que é rompida por Eva” (Roque LARAIA, 1997:5)

A mulher, portanto é o que oferece perigo, está entre o limite da ordem e da desordem, se submissa à ordem se impõe, se rebelde o caos se estabelece, sendo um “elemento” que parece estar na margem entre o puro maternal e o impuro demoníaco.

O antropólogo a ingressar em campo, não se destitui de suas posturas corporais, no meu caso na época tinha os cabelos vermelhos, com minha três tatuagens e *piercings* destoava da visão de corpo feminino encoberto, as minhas técnicas corporais enquanto etnógrafa contradiziam com a visão de mulher apenas no espaço doméstico, e, portanto não interventora no universo masculino que é espaço público.

O mito do pesquisador de campo semicamaleão, que se adapta perfeitamente ao ambiente exótico que o rodeia já fora demolido na publicação dos diários de B. MALINOWSKI (GEERTZ, 1980). A constatação desta desmistificação deu-se através do

exercício empírico onde técnicas e padrões corporais distintos interagiram durante esta pesquisa.

O conceito de técnica corporal se tornou chave para análise deste campo, pois por ser um conceito amplo, permitiu a compreensão das técnicas corporais vinculadas ao trabalho, onde o corpo é um instrumento de ação e produção, seja em relação aos sapateiros, seja em relação aos etnógrafos. E ao mesmo tempo permite a compreensão de um conflito dado nas relações humanas. Enfim, ao acionar técnicas corporais como um conceito central no eixo analítico, percebe-se a não neutralidade do corpo do etnógrafo e das representações acerca deste corpo no universo de pesquisa.

## **REFERÊNCIAS**

- BOURDIEU, Pierre. Razões Práticas - Sobre a teoria da ação, Papirus Editora, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. Dominação Masculina. A dominação masculina. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003
- DURAND, Gilbert. A fé do sapateiro, Editora da universidade de Brasília, 1995. GEERTZ, Clifford. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MAUSS, Marcel. “As Técnicas Corporais”. In: Marcel Mauss, Sociologia e Antropologia, vol. 2. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.
- OLIVEN, Ruben George. A Antropologia de grupos urbanos. Editora Vozes Ltda, Petrópolis, 1996.
- VELHO, Gilberto. O Desafio da cidade: Novas perspectivas da Antropologia brasileira. Editora Campus Ltda., Rio de Janeiro, 1980.
- VICTORA, Ceres. Images of the body: Lay and Biomedical views of the reproductive in Britain and Brazil, 1996.